

A Diferença entre o Amor Conjugal e o Amor Filial

Nessa aula falaremos um pouco sobre a diferença entre o amor conjugal e o amor filial. Quando falamos de amor pode parecer que é tudo amor, de fato é tudo amor, mas há uma diferença entre o amor conjugal e o amor filial e isso tem consequências para os nossos atos dentro do seio da nossa família.

Hoje em dia é endêmico na nossa geração não saber distinguir a hierarquia das relações dentro da família. Ou seja, qual o papel de cada membro da família no contexto de hoje, dentro da nossa sociedade. Essa confusão de papéis começou lá atrás, resumidamente, na Revolução Industrial. Onde, primeiro, o homem saiu do trabalho perto do seio da família, e foi para a indústria. E depois, num segundo momento, foi a mulher que saiu do seio da família, e foi trabalhar fora.

A geração dos nossos pais, ou seja, a geração anterior à nossa, sofreu muito com essas transformações sociais e culturais. Há, além disso, uma intenção muito clara de destruição da família. Por a família ser a célula da sociedade, e quando você destrói a família, você faz com que os indivíduos fiquem completamente perdidos. Em relação a sua biografia, em relação a quem de fato são, de onde vieram, para onde vão e isso faz com que sejam presas fáceis para qualquer tipo de ideologia.

Destruir a família é um foco. Se põe em cheque o valor do cumprimento dos deveres assumidos entre um homem e uma mulher. Quando um homem e uma mulher assumem um compromisso de amar um ao outro, respeitar um ao outro, na saúde e na tristeza, na alegria e na doença, levando em conta todas as consequências que aquilo trará, sabendo que vou assumir aquela responsabilidade e estou diante não de uma coisa, mas de uma pessoa, e que, portanto, se estou diante de uma pessoa, essa pessoa necessariamente, vai

mudar, porque a substância da vida humana é a nossa história, então nós mudamos.

Muitas pessoas falam “*mas é que eu não me casei com essa pessoa*”, e não casou mesmo, você casou com outra, as pessoas vão mudando. Claro que elas podem mudar para melhor ou para pior, mas se não há luta, em geral, acabamos piorando mesmo. No entanto, quando você assume esse compromisso, você assume esse compromisso sabendo disso, e isso é um problema, as pessoas assumem um compromisso sem saberem exatamente sobre o que aquele compromisso diz.

Hoje se coloca em cheque o valor do compromisso assumido, da palavra dada. Nem tudo o que as pessoas falam, o nosso sim é sim, o nosso não é não. Não é assim, geralmente é “*ah, pode ser*”, e começam a justificar as atitudes baseados muitas vezes em sentimentalismos.

Por exemplo, a presença de anticoncepcionais, que fazem com que o homem ou uma mulher possam ter uma relação entre eles em que deveriam estar doando-se completamente um ao outro. Essa doação precisa ser tão intensa, que dá origem a uma nova vida, a uma nova pessoa, pela junção de 50% de um e 50% de outro, e ao final de nove meses podemos dar um nome a uma nova pessoa. A presença dos anticoncepcionais coloca em questionamento essa entrega total, entre um homem e uma mulher, e não só essa entrega, mas as suas consequências, e isso é muito grave.

Portanto, se a relação entre um homem e uma mulher não tem todas as suas notas presentes, e vou mais na frente falar que notas presentes são essas, e em uma dessas notas o anticoncepcional mexe, na verdade, não só em uma, mas em várias, e em uma muito especificamente, mas tem consequências em todas as outras porque o amor é algo integral, então não conseguimos mexer em apenas uma das notas. Se você mexer em uma das notas, sendo a nota da fecundidade, da entrega total, o que vai acontecer é que a relação entre um homem e uma mulher se torna muito próxima da relação entre duas mulheres e dois homens. Não há diferença, porque a relação entre um homem com homem e de uma

mulher com mulher é uma relação que necessariamente estéril, então, se a relação entre um homem e uma mulher passa a ser estéril, qualquer tipo de relação é válida.

E qualquer tipo de compromisso deixa de ser completamente importante, porque todas as consequências que aquela entrega traz são colocadas em cheque. Os anticoncepcionais, em nome de uma liberdade sexual, para as mulheres, em nome do direito delas de decidir se vão ter filhos ou não, no fundo, eles aumentam a irresponsabilidade dos homens em relação aos seus próprios atos, então os seus atos masculinos que deveriam vir cheios de responsabilidade, cheios de preocupação em relação às suas ações, passam a não existir mais. Então os homens ficam, na verdade, mais livres ainda para ter as suas relações sexuais com prazer sem assumir de fato essa responsabilidade com relação à pessoa com a qual estão tendo uma relação. E não estou dizendo só em relação aos filhos, mas a ela mesma.

Enquanto isso, as mulheres, mais uma vez, assumem a responsabilidade. Como assim? Quando elas usam anticoncepcional assumem a responsabilidade de aumentar a chance de câncer, de AVC, de trombose, de diminuir a sua libido, de aumentar o seu peso, de aumentar o seu edema, estar recebendo hormônios que muitas vezes não sabemos quais vão ser as consequências. Elas assumem a responsabilidade para colocar mais irresponsabilidade nos homens, com os quais elas desejam, e em algum momento casar, em algum momento, mesmo que não casem, ter filhos com eles, porque elas precisam deles para terem filhos.

Caso ela engravide, lá está, na frente dela, um homem imaturo, mais imaturo do que antes, do que os homens que não tinham essa possibilidade do uso do anticoncepcional. O homem que está acostumado a busca do seu próprio prazer. Está ali, diante de uma mulher, que está acostumada a não fazer o que lhe é próprio, que é gerar, restaurar, enfrentar os seus medos, complicar a sua vida por um bem maior. Isso é próprio do feminino. E isso está mais explicado na aula sobre a vocação da mulher e a maternidade, que já está na comunidade.

Nada mais compreensível do que a nossa geração não ter clareza desses papéis. Porque falta a eles referência suficiente, porque a geração anterior aos nossos pais estava mais perdida que cega em tiroteio, porque não tiveram nem tempo para pensar em todas essas mudanças que estavam acontecendo, e foram agindo no automático. Estavam negando tudo o que veio antes deles.

E agora a nossa geração está “*calma aí, o que foi que aconteceu?*”. E essa é uma geração que está tentando resgatar coisas que foram perdidas por conta de tudo isso.

Acaba que ficam sem referência, sem exemplos suficientes, por melhores que os pais tenham sido, porque a pressão externa é muito grande. Muita coisa se fala, e as próprias mulheres e homens ficam confusos. Os homens ficam com dificuldade de serem homens e as mulheres com dificuldade de serem mulheres, têm dificuldade de adquirir essa clareza, de resgatar. Muitas vezes precisamos resgatar e clarear a nossa mente, resgatar esse conhecimento, e por vezes até reinventar de algum modo, esses princípios na nossa circunstância atual.

Hoje o que mais se vê são relacionamentos em que as pessoas julgam o quão saudável está esse relacionamento, de acordo com a sua satisfação própria. Se o outro serve para mim, se eu vejo que o outro está me fazendo feliz, aí estou junto. Se eu vejo que está tendo muita dificuldade, que estou precisando mudar muito o meu jeito, me doar demais, me sacrificar por ele, ser muito compreensiva, para tentar manter a harmonia e a paz, então eu abandono.

E o relacionamento cuja motivação é buscar a própria felicidade, a própria satisfação, ele não tem como perpetuar por muito tempo. A felicidade humana reside num aparente paradoxo. Nós precisamos nos esvaziar, para conseguir nos encher.

Sabe aquela piada “*o que é, o que é, que quanto mais eu tiro, maior fica?*”, a resposta é o buraco. Que é mais ou menos isso, quanto mais eu me esvazio, maior fica o meu coração. O coração é feito dessa construção, quanto mais eu tiro. Não tiro coisas boas. Quanto mais eu tiro o que há em mim de inveja,

egoísmo, de todas as minhas más inclinações, para um bem maior, para amar o outro, para estar olhando para o outro, maior fica o meu coração.

Costumo fazer uma analogia que a felicidade é como uma boia que está boiando na piscina. Nós tentamos nos aproximar da boia, e ela se afasta cada vez mais. Se queremos agarrá-la por cima, cada vez mais ela vai longe, se nós tentamos de forma diferente, em mergulharmos e pegá-la por baixo, conseguimos agarrá-la. Esse mergulhar, esse ir para baixo, muitas vezes é isso, esse esvaziar de nós mesmos, para conseguir alcançar a felicidade.

Camões em um de seus poemas fala “*amor, é fogo que arde sem se ver*”. É um fogo que se arde, mas não estamos percebendo que está ardendo. Me vem muito em mente a bailarina, por exemplo, que está toda graciosa, com o seu sorriso, parece que não está sentindo nada, enquanto os pés dela, os músculos dela, a concentração dela, está toda ali, muitas vezes a bailarina está com o pé sangrando, mas estão ali, mostrando graciosidade. Não porque seja uma questão de estoicismo, mas de que elas querem apresentar ao mundo, a verdade, a maravilha daquela dança. A dor no pé é apenas um detalhe. “*Amor é fogo que arde sem se ver, a ferida é a ferida que dói e não se sente*”. O amor não é um pouco assim? Sentimos uma dor de amor, mas, ao mesmo tempo, quando amamos o sacrifício, quando amamos de verdade, nós não sentimos aquela dor, conseguimos ficar ali, nos sacrificando sem pensar demasiado.

Tem uma história de um presidente dos Estados Unidos, ele estava com a sua esposa, prestes a tomar posse, e precisava fazer o discurso. Estava muito nervoso com aquela situação, e no caminho ele foi conversando com a esposa dentro do carro. Falou para ela que estava nervoso, a esposa deu o seu apoio. Na hora que foi sair do carro, ao fechar a porta, o dedo dela ficou preso na porta. E ele foi indo embora, e ela ficou dando tchau com o dedo preso na porta, mas ela não queria desestabilizá-lo mais ainda. O amor é capaz dessas coisas. É o não querer mais que querer bem. Eu não quero mais nada do que querer o bem daquela pessoa.

É um contentamento descontente. É um cuidar que se ganha sem se perder. É querer estar preso por vontade, é desejar estar com essa pessoa até o final da vida porque quer, porque é sua vontade, ainda que seja difícil, ainda que esteja passando por um momento difícil. É ter com quem nos mata, lealdade. É servir a quem vence o vencedor. Tão contrário a si mesmo, é o amor.

De fato, é isso. O amor é contrário a nós mesmos. Mas, ao mesmo tempo, ele é tudo isso. É um esvaziar-se o tempo todo, mas por uma coisa muito maior. Parece ser ruim ser descontente, servir, perdoar o outro, tolerar os defeitos, mas é propriamente esses atos que nos fazem contente.

Nós estamos perdendo, mas estamos ganhando coisas que são invisíveis, que são eternas. O amor é um ato de vontade própria, que ficamos presos nas atividades, no serviço à família, nos filhos, no marido, numa tonelada de tarefas, porque queremos, porque assumimos esse sacrifício, e é isso que é propriamente virtuoso. Estar dentro do casamento porque me mandaram ficar, porque me disseram que assim é o melhor, porque a igreja manda, porque assim diz a moralidade. Isso é muito ruim, isso não é propriamente virtuoso. Nós temos que encontrar e orientar a nossa vontade com os nossos afetos, ou seja, eu faço porque eu quero, e em uma das aulas próximas vou explicar muito como isso se dá.

Nessa fase serve quem vence o vencedor, ou seja, estamos servindo a quem vence. Nós já ouvimos dizer aqui algumas vezes que precisamos pedir desculpas, mesmo estando certos. De fora, parece que estamos servindo a quem venceu. No fim das contas, eu venci, eu estou certa, mas, ao mesmo tempo, estou me colocando por baixo. Por conta desse gesto, os verdadeiros vencedores, no fim das contas, somos nós, nós ganhamos muito mais, nós ganhamos muito mais do que a discussão, ganhamos uma reconciliação, um amor que em outro momento, possamos conversar com aquela pessoa para que aquilo se ajuste.

Deve ser objetivo do amor matrimonial, do amor conjugal, amar o marido ou a esposa, dessa maneira, buscando a felicidade deles, porque a partir da felicidade deles que eu, de fato, vou encontrar a felicidade.

As notas do amor conjugal são cinco.

O amor conjugal é plenamente humano e total, está totalmente inserido dentro da pessoa.

O amor conjugal não é apenas prazer, não está apenas no nível carnal. Ele envolve corpo e alma, por isso, é necessária uma entrega total dos dois, e uma entrega total não é uma entrega que *“bem, eu te dou um presente, e na hora que eu encher o saco você me dá o presente de volta”*. Não, você entrega tudo, você coloca o pé no acelerador sem olhar para frente.

O amor humano é um amor fiel, é um amor fiel não só em relação a traições conjugais, mas é um amor fiel no tempo, todos os dias, através da minha entrega diária, da minha paciência, da minha atenção, do meu cuidado, do meu sorrir, é nesse momento que sou fiel, porque só é fiel em grandes coisas, quem é fiel em pequenas coisas, e essas pequenas coisas acontecem ao longo do nosso dia.

O amor é um amor exclusivo, ou seja, é um amor de um para outro. Não consigo me doar completamente para várias pessoas. Preciso me doar completamente a uma pessoa, porque esse amor me consome por inteiro. Não posso me dividir, porque não é possível. Preciso doar tudo para aquela pessoa.

E como consequência disso, o amor é um amor fecundo, ou seja, o amor conjugal humano é um amor que envolve toda a pessoa, e essa entrega total ao outro, é uma entrega que dá um fruto, que nove meses depois damos um nome. Não há nada, nenhum tipo de relação no mundo, que seja uma relação tão grande quanto essa. A relação entre um homem e uma mulher, é uma relação com um “quê” de divino, um “quê” de criador, então é algo muito maravilhoso. Nós não podemos tratar o amor humano de qualquer forma.

E por que estou trazendo esse assunto, se aqui falamos sobre filhos? Porque esse amor, totalmente humano, total, fecundo, exclusivo, é esse amor que funda uma família, é esse amor que traz estabilidade para essa família, e não pensar nisso e achar que isso não é importante, traz uma confusão de papéis na

família. Pode fazer com que o desejo de ter um filho, seja mais um direito do que uma consequência desse amor fundacional. Daí vem mulheres que desejam ser mães solteiras, mulheres que acham que os homens não são mais importantes para isso, ou que acabam manipulando a vida humana em um laboratório, para um ser humano poder existir. Podemos falar mais sobre isso futuramente, é um assunto muito complexo. Mas é um assunto que traz muitas consequências não só para essa família pontualmente, traz consequências para a sociedade, para a visão das coisas, para como as coisas se desenvolvem. Por exemplo, como falamos do anticoncepcional, muitas vezes as pessoas não pensam nas consequências disso, porque está relacionando a tantas coisas que estão vindo de rebote por tudo isso, por essas decisões.

Isso tudo traz uma confusão nos papéis, nos amores, e acaba que a criança fica sendo o centro dessa casa, enquanto o centro da casa é o homem e uma mulher, com um amor fundacional nessa família.

Mesmo que esses pais se separem, é importante que a criança tenha consciência do amor que a fundou.

“Ah, Samia, eu estou aqui na comunidade, mas meu filho foi fruto de um estupro”, por exemplo, então não houve um amor fundacional, no entanto, na hora que a relação de um homem e uma mulher, algo permitiu que isso acontecesse, que essa geração de uma nova vida. Essa criação que acabou acontecendo ali, não é uma criação meramente humana. Quantas vezes homens e mulheres, se relacionaram, estavam plenamente saudáveis, do ponto de vista reprodutivo, e não conseguiam ter filhos? Porque não basta um óvulo e um espermatozoide, é necessário algo além, uma alma é colocada ali. Uma alma imortal é colocada ali, e essa alma imortal tem um valor de eternidade.

E é importante que você que tenha um filho adotado, você que tenha filho de um estupro, ou foi fruto de uma relação e não esteja mais com a pessoa, por exemplo, é importante que você passe isso para o seu filho, que ele tem um valor em si. E você precisa entender isso, que o que fundou essa criança é uma relação de amor de fato, no fim das contas. De um amor extrínseco que acontece entre

todo tipo de relação entre homens e mulheres que permite a geração de uma nova vida.

É importante que as crianças saibam disso, que elas saibam para que entre dentro da sua própria biografia. Ordenar esses amores, definir esse papel. Falava bastante disso na aula que dei sobre maternidade e vocação da mulher, que disse sobre o papel do homem na maternidade, e o papel da paternidade na maternidade. Surge muitas vezes, inapropriadamente, a palavra ciúme em relação ao amor que existe, e em algumas atitudes que existem em relação às crianças que são irmãs, por exemplo. Falamos que *“ah, ela está com ciúmes”*, mas essa é uma colocação que não tem exatamente o nome de ciúmes, e por quê? E aqui que vou entrar no aspecto do amor filial, que difere do amor conjugal.

O ciúme é um sentimento ruim, que vem a partir de um desconforto, de uma insatisfação, que está relacionada a uma expectativa. Qual expectativa? A expectativa da exclusividade, *“eu gostaria que essa minha mãe, esse meu pai, fosse completamente para mim”*. Só que muitas vezes a criança pensa assim porque os pais se comportam assim, porque os pais se relacionam com ela dessa maneira. Existe entre o marido e a mulher um ciúme que é um ciúme saudável, ou seja, como uma das notas do amor conjugal é a exclusividade, querer que o meu marido e a minha esposa seja completamente meu, para que eu consiga, de fato, ter um amor pleno, em relação a ela, é uma coisa desejável, então é um ciúme saudável no sentido de quê? De que eu preciso que essa pessoa entenda que a exclusividade é necessária para a perpetuação e para o aumento do nosso amor.

Porque o amor conjugal é propriamente exclusivo. Não é uma questão apenas de egoísmo da nossa parte. O ciúme saudável precisa ser *“como eu faço para ajudar a minha esposa, ou ao meu marido para que ele tenha atitudes que vão fazê-la mantê-la fiéis a esse amor que é exclusivo?”*. Então vou cuidar das caronas, por exemplo, cuidar do tipo de conversa, do tipo de postura com as pessoas do outro sexo, cuidar do Instagram, com curtidas em fotos ruins, cuidar para não ficar olhando pornografia. Isso tudo é importante e precisamos ajudar o nosso cônjuge a viver dessa forma.

Sempre fazendo de uma maneira sem ser chata, mas tentando ajudá-lo, porque é bom para ele, porque se ele teve esse comprometimento de um amor totalmente fecundo, fiel, exclusivo, plenamente humano, se fez o seu compromisso, ele não estar vinculado a esse compromisso, vai trazer consequências muito graves para a vida da sua alma, e muitas vezes consequências eternas muito ruins. Nós precisamos desejar isso, é um ciúme saudável.

Só que não é próprio do amor dos pais terem um amor exclusivo em relação aos seus filhos. Porque o mais comum – e uma das notas do amor humano é a fecundidade –, o mais normal, é que um homem e uma mulher tenham mais filhos. O amor que a mãe e o pai vão dispensar em relação àquela criança, não é um amor exclusivo, não é um amor só para ela.

É intrínseco à natureza do amor filial, ser dirigido a mais pessoas. O filho vai viver essa realidade, vai assistir à mãe e o pai dispensando um amor para com essas crianças, e o amor dos pais não é assim “*ah, eu gosto mais desse, mais daquele*”. Ainda que tenhamos uma facilidade maior de lidar com um filho ou com outro, é necessário, embora não seja um amor exclusivo, é um amor pessoal, e é um amor total, de fato, em relação àquelas crianças. O meu compromisso em relação a elas, é um compromisso total, e é totalmente para cada um dos meus filhos, então ele não é exclusivo, mas é individual. É um amor pessoal. E essa individualidade, essa pessoalidade, tem as suas consequências, e vou dizer como podemos trabalhar isso.

Quer dizer que os pais vão ter um amor que não vai ser idêntico, a maneira de expressão desse amor não será idêntica em relação a cada um dos nossos filhos. Nós não podemos confundir equidade com igualdade absoluta. Equidade é dar a cada um o que, de fato, precisa. Muitas vezes vou precisar dar mais atenção, ou uma atenção em um determinado momento, por exemplo, em um estudo, dar atenção mais a um do que a outro, ou vou precisar dispensar um pouco mais o meu esforço para levar um para uma atividade física, ou levar um para um médico que precisa ir mais vezes, ou a conversar mais com um dos meus

filhos, porque está mais adolescente, está precisando, ou porque está com algum tipo de problema.

Enfim, é diferente. Vou expressar esse amor de forma diferente. É claro que eu, enquanto mãe, enquanto pai, preciso estar atenta a todas essas crianças, para atendê-las nas suas necessidades, e por isso, é um amor individual e um amor pessoal. É um amor que ama uma pessoa de fato. Os irmãos vão ver os pais também fazerem isso com os seus irmãos, e é importante que nós, como intérpretes da realidade, mostremos aos irmãos e a essa criança que está tendo dificuldade de entender algo, e precisamos saber explicar a eles. Se esforçar para levar essa individualidade para cada uma das crianças, para que se sintam pessoalmente amados. Ajuda a que eles não tenham esse “ciúme”. Que não é próprio ciúme.

Se você trabalhar o seu relacionamento com cada um deles, se você tem um cuidado pessoal, individual com cada um deles, se você conhece a mão de cada um deles, sabe a letra de cada um, o que cada um gosta, etc. Não tem problema você dizer algo pessoalmente para um filho, *“como o seu sorriso me alegra”*, *“como eu gosto que me alegra”*, etc., mas para isso você precisa saber as características do seu filho, no que ele aporta a sua família, falar com cada um deles em um momento exclusivo mesmo. Se não é possível sair com cada um deles, que tenha um momento, que seja uma conversa na hora que está voltando da escola, etc.

Fomentar conversas, estar disponível para cada uma das crianças, talvez marcar um dia da semana para pensar exclusivamente em um filho. Com o tempo você vai se exercitando e vai conseguindo fazer isso de forma mais tranquila.

“Ah, Samia, mas eu tenho um filho único, e ele pode estar achando que o meu amor por ele é um amor exclusivo, só dele”. Sim, só que ele precisa entender que o amor entre um marido e uma mulher, e isso acontece mesmo para os casais estéreis, é um amor que deve ser um amor fecundo. Que às vezes não será traduzido no cuidado com uma criança que acabou de nascer, fruto dos dois, mas com outras crianças, às vezes através da adoção, da ajuda de outras famílias, do

cuidado com pessoas idosas, do cuidado com pessoas com alguma necessidade especial, ou com uma ajuda numa instituição de caridade. Em várias coisas.

A criança precisa ver e observar à sua volta que os pais estão o tempo todo se dedicando, mesmo que seja no sentido espiritual, e não no sentido biológico, claramente.

Isso que gostaria que ficasse claro para vocês, o amor conjugal é um amor exclusivo, e a relação de homem e mulher é uma relação de fato exclusiva. Que só os dois vão ter, não vão ter essa relação com mais ninguém na vida. E o amor filial, o amor que os pais têm em relação aos seus filhos, é um amor que não é exclusivo, embora seja pessoal, embora seja individual.

É necessário termos isso claro, dos papéis do amor dos dois como fundadores daquela família, e o papel da criança no meio daquele seio familiar, e a maneira como olhamos para o amor que dispensamos para cada um deles, ajuda que a hierarquia das coisas esteja clara, e que os irmãos não tenham ciúmes uns dos outros, porque se lidamos dessa forma como falei, é muito mais fácil que eles entendam isso e que a criança não seja o centro dessa casa. Mas o amor fundacional que deu origem a todas aquelas crianças que moram nessa casa.

Espero que tenha ajudado e clareado um pouco a cabeça de vocês e que tenham bem claro qual é o papel e a importância desse amor e dessa hierarquia na vida familiar.

**Com carinho,
Samia Marsili**